

O JORNAL VIVO - UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

THE LIVING NEWSPAPER - A PROPOSAL FOR THE EDUCATION OF YOUNG PEOPLE AND ADULTS

Divina de Fátima dos Santos¹
Vitória Helena Cunha Espósito²
Helena Machado de Paula Albuquerque³
Ricardo Roberto Plaza Teixeira⁴

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo apoiado nas técnicas psicodramáticas do "jornal vivo" de Moreno, explorando as possibilidades do uso de artigos de jornal como material didático de apoio em sala de aula, a fim de facilitar a alfabetização. Este estudo foi realizado ao longo do ano de 2007 com alunos da EJA - Educação de Jovens e Adultos. Como resultado, este trabalho permitiu que o aluno desenvolvesse a capacidade de fazer sua auto-análise e de se ver na sociedade, mesmo sendo ele produto de um ato social, fazendo-o pensar em si mesmo, como sujeito e ao mesmo tempo, perceber-se na sua condição

¹ Especialista em Psicodrama pela PUC-SP e professora do SESI-SP; e-mail: divinafs@bol.com.br.

² Doutor em Educação pela PUC-SP e professora da PUC-SP; e-mail: vitoriaesposito@hotmail.com.

³ Doutor em Educação pela PUC-SP e professora da PUC-SP; e-mail: helenaalb@uol.com.br.

⁴ Doutor em Ciências pela USP e professor da PUC-SP e do CEFET-SP; e-mail: rrpteixeira@bol.com.br.

de cidadão, numa atitude crítica para com a vida humana e seus valores.

Palavras-Chaves: Jornal, Educação, Alfabetização, Autonomia.

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os alunos da EJA - "Educação de Jovens e Adultos" que apresentam grandes dificuldades de aprendizagem formal, em função da sua história de vida, em geral muito sofrida. Em sua maioria, eles são de famílias que nunca tiveram oportunidade de estudar. Apesar de, em média, a escolaridade de seus pais - como a deles - ser baixíssima, isto não significou necessariamente que estes mesmos pais não valorizassem a educação de seus filhos - há muitos contra-exemplos a este respeito. De qualquer forma, muitos foram os obstáculos existentes à sua escolarização quando eles eram crianças.

A prática educacional mostra que quanto maior o vínculo com cada história de vida, maior a facilidade de desenvolvimento do aluno. São os aprofundamentos dos laços que permitem um diálogo mais efetivo e conseqüentemente a aprendizagem por parte do aluno. Muitos problemas de aprendizagem estão relacionados à inibição e à forma como o indivíduo sente-se afetado pela dinâmica entre as articulações dos níveis de inteligência, do desejo e do corpo (Fernandez, 2002), podendo dessa forma provocar um aprisionamento da inteligência e da capacidade de incorporar o novo. Conseqüentemente, a história de vida de cada sujeito deve ser sempre considerada na educação, em sintonia com o pensamento de Piaget (1978) que era favorável às idéias de uma escola mais ativa e que usasse atividades de interesse do aluno.

Novas formas de educar têm sido propostas por meio da introdução do teatro na aprendizagem (Moll, 1999; Lima, 2004; Courtney, 2003; Japiassu, 2007). O teatro escolar acontece no espaço da sala de aula, com técnicas desenvolvidas a partir das linguagens e constituição de autorias, a fim de desenvolver no aluno a capacidade de pensar. A leitura é trabalhada como um espaço de significação, isto é, a leitura associada à interpretação do mundo. Complementarmente, a corporeidade e a oralidade visam a fala planejada, pensada e organizada.

A LDBEN - "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional" (Brasil, 1996) estimula uma educação diversificada e interdisciplinar de forma a propiciar uma formação integral ao estudante. É fundamental estabelecer portanto estratégias pedagógicas para atingir tais objetivos. Por decorrência, não basta ensinar a ler, é preciso também saber compreender e analisar o que se lê: só assim é possível formar um verdadeiro cidadão crítico e autônomo (Freire, 1992).

O material didático utilizado como base neste trabalho foi o jornal. Muitos alunos embora não saibam ler, acabam tendo acesso a jornais por meio das casas de seus patrões ou sala de aula, ou em outros locais em que trabalham, como em portarias de prédios, ou ainda, por meio de alguns jornais que são distribuídos gratuitamente. Assim, mesmo não tendo total domínio da escrita, podem desenvolver o gosto pela leitura, percebendo o quanto ela é importante para manterem-se informados. Ao mesmo tempo, uma leitura consciente e atenta possibilita uma análise crítica das notícias e uma postura de maior autonomia, menos sujeita à manipulação que muitas vezes existem nos meios de comunicação.

2 O PSICODRAMA NA EDUCAÇÃO

O modo corrente de agir da maioria dos educadores é também um resultado prático de muito trabalho realizado ao longo da trajetória humana, mas isto não pode se transformar em uma barreira impedindo novas ações criativas e a abertura pessoal para o novo. O educador em sua prática necessita constantemente inovar, criar, encontrar diferentes possibilidades e modificar a sua ação na escola de forma a lidar com as inúmeras conservas culturais da educação, ou seja, com as maneiras estereotipadas de pensar e agir que estão presentes em nosso meio social e cultural (Cukier, 2002). Existem contradições no mundo que exigem respostas criativas para que o aluno saia da atitude passiva diante da sua realidade e das coisas que lhe foram apresentadas ao longo de sua vida escolar.

A aprendizagem psicodramática, segundo Moreno (1992), deve considerar o homem como sujeito do conhecimento. O ser humano é um "ser em relação", ou seja, ser é ser com o outro. O crescimento pessoal de um indivíduo depende em grande parte das suas interações com o mundo que o cerca. Ou seja, a personalidade individual de cada um de

nós é resultado dessas interações sociais. A base da teoria de Moreno é a espontaneidade que implica na capacidade de dar respostas adequadas e originais às situações e aos problemas que a vida possa apresentar. A espontaneidade é definida como básica para qualquer tipo de ação criativa e o desempenho de papéis é uma das características desse processo. Ao mobilizar a espontaneidade e suas capacidades intelectuais, afetivas e sociais, o aluno se coloca por inteiro no ato de aprender, estabelecendo suas relações com o novo conhecimento e atribuindo-lhes significados. Tal exercício de ação e reflexão é resultado da liberdade que caracteriza as diferentes relações psicodramáticas. Cabe ao educador promover a liberdade para que o aluno expresse suas idéias e sentimentos pessoais a respeito dos diferentes temas de estudo, sem inibições e em ambiente lúdico e democrático: "liberdade para permitir-se recuperar o prazer de aprender" (Puttini, 1997).

No psicodrama, os elementos de um grupo de trabalho produzem o conhecimento em conjunto; assim cada componente deste grupo tem a possibilidade de dar a sua contribuição, expressando sua experiência e contrapondo-a à experiência do outro em relação ao tema trabalhado no momento, num processo dialético. Dessa forma, valoriza-se o conhecimento anterior e de mundo do aluno, estimulando o que já é conhecido no sentido de que este conhecimento se amplie pelo grupo e possibilite, por meio do processo dramático, novas organizações do conhecimento.

Para a realização de uma proposta dramática é de suma importância a constituição do grupo e da sua rede de interação, já que toda produção deve ser coletiva. As experiências a serem dramatizadas emergem do próprio grupo. Nesse momento, as articulações, correlações e contradições de idéias podem ser evidenciadas e ganhar vida por meio do corpo do aluno, que deve expressar nas imagens dramáticas a produção do grupo.

O uso de "imagens" pode ser uma forma de representação da expressão corporal de fatos históricos relevantes e pode também organizar a execução das tarefas escolares. Tal recurso dá ao aluno a possibilidade de confrontar a imagem interna que ele tem do fato com a imagem construída no espaço cênico. A observação permite ao aluno fazer novas relações entre a imagem interna e a visualizada.

O psicodrama permite que o aluno experimente diferentes papéis que lhe possibilitem a sua conscientização a respeito dos valores sociais e humanos. Os estímulos às relações sociais proporcionam ao aluno condições de aperfeiçoar o respeito por si e pelos outros.

3 O JORNAL VIVO

O jornal vivo utiliza-se de uma das técnicas de psicodrama que aborda a interioridade e a ação do indivíduo. No drama como expressão teatral, há uma referência à contingência da vida humana como alguma coisa que não é necessariamente definitiva ou imutável como no caso da tragédia. Portanto o drama consiste em uma situação que se desestabilizou - "saiu dos eixos" - e que pode nos trazer dor e sofrimento, mas que conta com a possibilidade de ser modificada ou transformada pela nossa vontade.

As dramatizações são compostas a partir de uma linguagem metafórica que utiliza códigos simbólicos para conferir significados subjetivos a fatos da realidade, aumentando a possibilidade de recriar e de dar outros encaminhamentos aos fatos e provocando novas leituras e compreensões.

O "jornal vivo" ou "jornal dramatizado" criado por Moreno tem como proposta fazer uma síntese entre o teatro e o jornal. Ele retira do jornal as manchetes e as notícias diárias e, a partir da sua leitura, obtém os estímulos necessários para realizar uma dramatização de forma improvisada e espontânea. O exercício da espontaneidade tem um importante papel na aprendizagem, uma vez que os sujeitos envolvidos encontram mais facilidade para mobilizar o conhecimento já aprendido empregando-o em novas situações.

O uso de jornais em sala de aula nos faz pensar numa educação de forma abrangente e interdisciplinar, possibilitando articular práticas e saberes em diferentes níveis de compreensão. A técnica do "jornal vivo" é uma facilitadora para a alfabetização dos alunos jovens e adultos, pois permite que os alunos fiquem bastante envolvidos e interessados na atividade. A vivência envolvida proporciona ao aluno, a possibilidade de se "libertar" no sentido de não ter medo de errar ao dramatizar a notícia, se arriscando mais, tornando-se mais criativo e possibilitando ampliar sua

autonomia no sentido de buscar novas informações a respeito das coisas que conheceu e vivenciou na escola, sejam elas experiências ocorridas no grupo de trabalho ou mesmo individualmente.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

As atividades descritas abaixo foram realizadas por uma das autoras deste trabalho (Divina F. Santos) em uma escola da cidade de São Paulo, com cerca de 30 alunos de uma classe da EJA - Educação de Jovens e Adultos, no período noturno. Estes estudantes, em geral são pessoas que não tiveram oportunidade de estudar o suficiente quando criança: em sua maioria trabalham como faxineiros, ajudantes, pedreiros, porteiros, donas de casa; muitos estão desempregados, apesar de realizarem "bicos" e trabalhos informais. A grande maioria destes alunos é religiosa e muitos até faltam na escola em dias letivos normais, pois também participam como voluntários em suas igrejas com diferentes atribuições. A auto-estima destes alunos em geral é muito baixa, impedindo-os de fazer as suas tarefas por medo de errar e insegurança. Eles têm grande dificuldade de trabalhar em grupo e chegam a falar que o "máximo que dois burros faziam juntos era pastar". Possuem muita dependência do educador, esperando que ele esteja ao seu lado para "tudo"; não confiam nas ajudas oferecidas por alguns colegas e até se auto-depreciam por estarem ali na sala.

Quando o trabalho com o "jornal vivo" iniciou, alguns alunos ficaram tímidos, sem saber o que fazer, e até mesmo acanhados. Entretanto, passados os momentos iniciais, vários alunos aprovaram a iniciativa e abraçaram a idéia de trabalhar com o jornal, sentindo-se importantes ao realizar as tarefas propostas, pois em muitos casos eles assumiam diferentes personagens, como médicos, professores, policiais e diretores de escolas.

Com o tempo, as dramatizações tornaram-se atividades mais profundas com a elaboração de análises e sínteses por parte dos alunos. Ocorriam trocas de informações entre eles, já que traziam novidades dos noticiários para a sala de aula - muitas vezes de jornais de diferentes bairros próximos - e propunham alternativas para solucionar os mais variados problemas. O mais importante foi que os alunos passaram a se orgulhar

de trabalhar em grupo, trocando idéias e se ajudando mutuamente. As atividades de escrita foram inseridas lentamente e eram diferenciadas de acordo com as manchetes lidas, o grupo e a capacidade de compreensão.

No geral, a consciência de cada um de si mesmo, do grupo, da escola, da comunidade e do país muito se elevou. As leituras dos diferentes jornais, aproximaram os estudantes das coisas que acontecem no país e que direta ou indiretamente se refletem em suas vidas, tornando-os menos vulneráveis, por exemplo, a manipulações, maniqueísmos e simplificações. Além disso, ao dramatizar a notícia e ao realizar as diferentes tarefas a respeito daquilo que acabaram de encenar, o trabalho de produção escrita melhorou significativamente, pois como eles já conheciam o assunto, as atividades textuais tornaram-se mais significativas e portanto mais fáceis de serem executadas.

Este trabalho fundamentou-se nas técnicas psicodramáticas de Moreno. Didaticamente elas podem ser divididas em diferentes momentos: 1. aquecimento inespecífico; 2. aquecimento específico; 3. desenvolvimento; 4. apresentação; 5. conclusão e discussão acerca do trabalho apresentado.

A vivência prática que será analisada aqui ocorreu em uma noite, durante uma aula com cerca de duas horas e trinta minutos. Durante o aquecimento inespecífico foram estabelecidos aproximadamente 10 minutos para fazer um pequeno preparo dos participantes. Foi solicitado aos alunos que caminhassem pela sala como se estivessem preparando-se para um passeio. Em seguida eles receberam algumas instruções no sentido de juntarem-se em grupos conforme cada pessoa se percebesse pertencer a ele; cada um deveria se direcionar ao espaço de cada grupo que era desfeito assim que se ouvisse uma nova instrução, a saber: grupos de casados, solteiros, divorciados, viúvos; grupos de pessoas que vieram do nordeste, do norte, do sul, do centro-oeste, do sudeste; grupo de pessoas que vieram morar em São Paulo há mais de 10 anos e há menos de 10 anos; grupo de alunos que entraram nesta unidade escolar há mais de 2 anos, há 1 ano, há 6 meses; grupo de pessoas que já tinham estudado por algum tempo quando criança e os que só puderam estudar depois de adulto; e, finalmente, grupo de pessoas que gostam de acompanhar as

notícias por meio do jornal, da televisão, do rádio e os que não dão importância para notícia. Para esta última formação solicitou-se que os participantes caminhassem novamente por alguns segundos, e em seguida ocorreu uma parada: nesse momento foi solicitado aos alunos que se direcionassem aos diferentes locais da sala em que se encontravam alguns jornais, apropriando-se de um jornal qualquer e sentando-se em seguida num local em que se sentissem confortáveis.

No aquecimento específico ocorreram três momentos. No primeiro momento - estimado em aproximadamente 15 minutos - cada participante de posse de um jornal, foi convidado a folhear o conteúdo do mesmo e escolher uma notícia obedecendo aos seguintes critérios: "Se você ainda não compreender o que está escrito no mesmo, escolha uma imagem que lhe chama a atenção separando-a e tentando encontrar as razões da sua escolha"; "se você já souber ler um pouco e compreende o título ali escrito, separe a notícia pelo título"; e "se você já é um leitor, deve fazer a escolha da sua notícia baseando-se não só na imagem do jornal, mas também na história ali publicada".

No segundo momento - com duração de aproximadamente 5 minutos - foi solicitado aos alunos que se levantassem e caminhassem pela sala com a parte do jornal já selecionada a fim de tentar encontrar entre os colegas outras notícias, outros títulos ou outras imagens semelhantes ou que mais se aproximassem à sua escolha. Feito isso, um novo agrupamento foi formado, desta vez por assuntos e assim existiram grupos com os seguintes grandes temas: esporte, saúde, educação, violência e meio ambiente.

Durante o terceiro momento - de aproximadamente 20 minutos - nos grupos temáticos, cada componente justificou as razões de sua escolha compartilhando-as com os colegas e, assim que todos se posicionaram, o grupo escolheu uma única notícia em comum. O passo seguinte foi a leitura, discussão e compreensão da notícia pelos componentes da equipe, de modo que todos conhecessem o assunto tratado e planejassem uma dramatização da mesma.

Durante a etapa de desenvolvimento - de aproximadamente 15 minutos - cada grupo preparou uma apresentação da sua notícia de forma dramatizada como em um teatro improvisado e sem ensaios. Era uma

condição básica que todos os componentes necessitariam assumir um papel de modo a participar de alguma maneira da apresentação, tornando-se personagens ou objetos citados na notícia, de modo que os outros grupos conseguissem compreender o assunto apresentado. Ocorreu também a confecção de alguns objetos para compor a cena que os atores utilizariam no momento da dramatização; estes objetos foram construídos com folhas de jornal, papel crepom, cola, caneta, lápis, barbante e tesoura. Os objetos criados nesse dia foram: uma tocha olímpica, a bandeira do Brasil e uma camiseta amarela para o tema esporte; toucas e máscaras médicas para o tema saúde; telefone celular para o tema educação; um cachorro para o tema violência; uma árvore para o tema meio ambiente.

Durante a apresentação foi reservado um tempo de aproximadamente 5 minutos para que cada grupo pudesse preparar o cenário, apresentar a cena e explicar o título dado para a apresentação.

Para a conclusão e o fechamento das diferentes vivências, foram reservados aproximadamente 20 minutos. Esta foi a parte fundamental para a compreensão e discussão do momento vivido por cada aluno. Formou-se um círculo com os presentes e todos foram convidados para falar sobre o trabalho vivido, sua participação, seu sentimento, sua compreensão do assunto, as suas descobertas, a atuação dos colegas e o apoio recebido.

Esta vivência procurou, sobretudo, explorar a criatividade, a participação, a cooperação, o trabalho em equipe, a habilidade na construção dos objetos utilizados em cena e, principalmente, a utilização do jornal como fonte para manter-se informado, ampliando o conhecimento da língua escrita.

No dia seguinte, foram escritos na lousa os títulos dados pelos alunos às notícias, fazendo-se uma breve recapitulação dos assuntos abordados e, em seguida, um debate. Nesse momento foi enfatizada a importância de ter uma análise crítica dos noticiários no sentido de fazer questionamentos a respeito das diferentes mídias e de como certas notícias manipulam o leitor, beneficiando interesses econômicos, políticos ou de classes sociais, e mostrando ao aluno a necessidade de ser um leitor crítico, independente e questionador.

Após esse debate os alunos que já tinham certo domínio da leitura e escrita, foram convidados a escolher uma das notícias encenadas e a escrever sobre o que aprendeu, sobre o que já sabia desse assunto e sobre qual sua opinião a esse respeito. Cada aluno teve a oportunidade de também tentar propor algumas sugestões para os problemas abordados nas diferentes notícias.

Os alunos em início de aquisição da escrita puderam grifar diretamente no jornal as palavras que reconheciam no texto por meio das cópias das mesmas fornecidas a eles. Em seguida eles trabalharam em dupla sobre questões associadas às notícias. Por exemplo: O nome dado às vivências era encontrado nas notícias? Coube também a estes alunos escreverem os nomes dos objetos confeccionados para as peças construídas para as cenas.

Finalmente, foi proposta a criação de um jornal comunitário na escola - que contou com a participação individual de cada estudante - a partir das notícias e anúncios encontrados. Neste caso, o objetivo foi de incentivar a cooperação e solidariedade, a capacidade criativa e imaginativa e a habilidade de associação livre.

Esta vivência aumentou a auto-estima desses alunos já que ao se verem interpretando diferentes papéis para os colegas, trabalharam o auto-reconhecimento e a auto-valorização. Este trabalho foi realizado de forma não convencional e envolveu recursos simples existentes na própria sala de aula: desta forma a aprendizagem pode tornar-se mais agradável e mais próxima do conhecimento de mundo dos alunos

Mesmo que o aluno da EJA seja bastante interessado, ele em geral, chega na escola muito cansado após uma longa jornada de trabalho que normalmente é pesado e desgastante. Dessa forma, é imprescindível que o professor proporcione uma aula agradável e a técnica do "jornal vivo" propiciou este ambiente estimulante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da premissa de que é tarefa importante de todo educador transformar os estudantes, levando-os a sua plena autonomia. Para isto, os profissionais que trabalham com alunos da EJA devem ser flexíveis e devem possuir um diálogo franco com seus estudantes que se

por um lado já possuem grande experiência de vida, por outro lado vêm na educação um mundo novo que pode lhes abrir as portas ao conhecimento acumulado pela civilização.

O nível de compreensão de mundo que o homem possui, depende obviamente da sua história de vida. Mas o senso comum adquirido ao longo da vida, se por um lado, oferece determinado conhecimento de mundo ao indivíduo, por outro também pode aliená-lo. Aristóteles já dizia que o conhecimento é uma necessidade da natureza humana, manifestada por meio das ações e das reações mais elementares do ser humano. A percepção da natureza e o conhecimento humano encontram-se em constante desenvolvimento e pode-se dizer que existe um vínculo comum entre a percepção dos sentidos, da memória, da experiência, da imaginação e da razão e que estes são apenas estágios e experiências diferentes de uma única e mesma atividade fundamental que atinge o homem. Frente a essas necessidades a escola tem um papel fundamental, pois é por meio dela que ocorre a educação formal, mas para o sucesso desta educação, o professor necessita estimular a participação dos estudantes dentro e fora da sala de aula.

A atividade apresentada neste trabalho permitiu a cada aluno a capacidade de fazer sua auto-análise, bem como de poder ver-se na sociedade, fazendo-o pensar em si mesmo, e ao mesmo tempo, na sua condição de vida, numa atitude crítica para com a vida humana e seus valores. Portanto, esta prática seguiu os ensinamentos de Sócrates, para quem a vida que não é examinada, não vale ser vivida (Cassirer, 1997).

A intenção deste trabalho foi também a de despertar no aluno a percepção de que as coisas que acontecem a sua volta têm um significado e um valor, de modo que ele se percebesse no mundo em que vive e, a partir das suas próprias reflexões, fosse capaz de compreender e transformar seu mundo e sua realidade.

Ao desafiar o aluno, desafia-se o pensar deste aluno, e conseqüentemente, proporciona-se o seu crescimento com relação ao mundo em que vive e com relação ao seu próprio conhecimento. Ao compreender melhor a si e ao mundo, ele amplia a sua capacidade de aquisição da escrita. O mundo não é uma realidade singular e homogênea, ao contrário é imensamente diversificado. Portanto, se a experiência vivida é única e

particular, as experiências e a realidade são incomensuráveis nas relações entre as pessoas: perceber outros pontos de vista - algo que é possibilitado pelo "jornal vivo" - é então fundamental para a vida civilizada em sociedade.

O ser humano não existe apenas no mundo físico, mas também num universo simbólico que é representado pela linguagem, pela arte, pela religião e pelos mitos. A linguagem conceitual, divide espaço com a linguagem emocional, a linguagem científica e lógica divide espaço com a linguagem poética que está relacionada aos sentimentos e aos afetos. É neste novo mundo que os alunos em processo de alfabetização se percebem e se vêem participando dele.

A natureza humana é racional, mas só a razão não compreende a variedade e a riqueza das formas da vida cultural do homem. Pode-se, ao invés de definir o homem como um animal racional, defini-lo como animal simbólico. O homem é, desta forma, resultado do seu conhecimento de mundo e de sua cultura.

Se o estudante da EJA não for capaz de encontrar a si mesmo, não será capaz de ter consciência de sua individualidade. Isso só ocorrerá por um lado por meio da sua vida social e por outro lado por meio das conquistas adquiridas no seu processo de aprendizagem formal. Dessa forma ele se tornará mais criativo, participativo, e promoverá as mudanças necessárias na sua forma de vida e na sociedade em que vive. Foi este o objetivo principal do trabalho aqui descrito .

ABSTRACT: *The objective of this paper is to present a classroom study supported by Moreno's Living Newspaper psychodrama techniques. The possibilities of using newspaper articles inside the classroom as didactic support material with the objective of facilitating literacy were explored. This study was carried out along 2007 with students from "EJA- Education of young people and adults". As a result, this work allowed students to develop the ability to make their self-analysis, as well as to perceive themselves as members of a society, people who, even though being the product of a social act, may think of themselves as subjects and, at the same time, as citizens, in a critical*

attitude towards human life and its values.

Key Words: *Newspaper, Education, Literacy, Autonomy.*

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394)**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro & pensamento**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CUKIER, Rosa. **Palavras de Jacob Levy Moreno**. São Paulo: Agora 2002.

FERNANDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**. Análise das modalidades com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed,.2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JAPIASSU, Ricardo. **A linguagem teatral na escola**. Campinas: Papyrus, 2007.

LIMA, Luzia Mara Silva e LISKE, Lúcia Pizzolante. **Para aprender no ato**. São Paulo: Agora, 2004.

MOLL, Jaqueline (org). **Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1992.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PUTTINI, Escolástica F., (org). Ações Educativas – Vivências com psicodrama na prática pedagógica. **São Paulo: Agora, 1997.**